

O MODO PARODÍSTICO DE CONSTITUIÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE EM NARRATIVAS ESCRITAS POR ALUNOS DE SEGUNDA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Sandoval Nonato Gomes Santos²
Núcleo Pedagógico Integrado (NPI)/UFPA

- **RESUMO:** *Propõe-se, neste trabalho, discutir a emergência da intertextualidade, enquanto paródia, na produção escrita de alunos de segunda série do ensino fundamental, a partir da leitura feita pelos mesmos do conto "A Bela Adormecida no Bosque", na versão de Grimm.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** Interdiscurso; Intertextualidade; Paródia, Ensino.
- **ABSTRACT:** *This work to discusses the intertextuality emergence, as parody, in the written texts of students of the second year of the elementary school, from the previous reading of Grimm's Sleeping Beauty.*
- **KEY-WORDS:** *Interdiscourse, Intertextuality, Parody, Language Teaching.*

1 Considerações iniciais

O propósito principal deste estudo inscreve-se na discussão — hoje, bastante intensa — do problema da intertextualidade no processo de constituição de textos. Tal problema se torna mais complexo se considerado à luz de um evento de linguagem específico — a produção escrita escolar.

¹ Este artigo constitui a versão ampliada do texto "De como a Bela Adormecida chegou ao *Jurassic Park* – a emergência da intertextualidade na produção escrita de alunos de segunda série do ensino fundamental"-, apresentado no XLVI Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo – GEL, realizado no período de 25-27 de junho de 1998 no IBILCE/UNESP, em São José do Rio Claro (SP).

² Mestrando em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP. Professor do Departamento de Fundamentos da Educação do Núcleo Pedagógico Integrado/UFPA.

Com efeito, cabe indagar como emerge o caráter dialógico constitutivo do fenômeno da intertextualidade — conforme veremos — num contexto que privilegia a institucionalização de determinados modelos textuais, estabelecendo e legitimando *que, como, onde, quando, por que* se deve ler e escrever de determinado modo certos tipos de texto e não outros (cf. Magnani, 1989).

O fazer pedagógico com alunos de segunda série do ensino fundamental em situação de produção escrita constitui o ponto de partida e de chegada das discussões aqui levantadas, discussões que são perpassadas constitutivamente pela reflexão — conforme já referi — do problema da intertextualidade.

A noção de intertextualidade que é tematizada neste estudo inscreve-se numa concepção de linguagem enquanto ação transformadora, o que nos leva a compreender essa última a partir das condições de produção que lhe são constitutivas, a saber: os interlocutores em interação, a situação imediata de interlocução, o contexto sócio-histórico-ideológico em que se inscreve o ato enunciativo, etc. (cf. Orlandi, 1993).

Cabe lembrar, também, que o problema da intertextualidade será aqui focalizado a partir do caráter parodístico de que ela se reveste em narrativas escritas por alunos da segunda série de uma escola pública de Belém (PA)³ a partir da leitura do conto de fadas “A Bela Adormecida”, de Grimm. Para proceder à análise de como emerge nessas narrativas a intertextualidade, trataremos de problematizar, inicialmente, o próprio conceito de intertextualidade e sua relação com as noções de dialogismo e de polifonia (conforme propõem Barros, 1994; Fiorin, 1994; Koch, 1997).

³ Trata-se do Núcleo Pedagógico Integrado, Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará.

2 O modo dialógico de constituição da linguagem: dialogismo, polifonia e intertextualidade

Compreender o fenômeno da intertextualidade exige que consideremos o caráter dialógico da linguagem, não como um aspecto que a ela se articularia como um apêndice ou como um *a posteriori* de seu processo de produção, mas como um aspecto que lhe é constitutivo, isto é, que está inscrito nesse seu processo de constituição. Nesse sentido, “a intertextualidade não é mais uma dimensão derivada, mas, ao contrário, a dimensão primeira de que o texto deriva” (Barros, 1994, p. 4). O texto tem, então, um modo intertextual (porque dialógico) de constituição que lhe é próprio.

Assim, conceituar intertextualidade como o fenômeno de dialogia que um texto estabelece com outros textos nos coloca diante de um dos problemas-chave — o problema da produção do sentido — das chamadas lingüísticas do discurso, que, com procedimentos teórico-metodológicos diferenciados, recusam a idéia de que o sentido seja imanente ao texto, defendendo que sua constituição é determinada por condições específicas — o contexto de situação, o contexto sócio-histórico-ideológico em que se inscreve o ato enunciativo, a história de leituras do texto e do leitor e (para o que se objetiva neste estudo) os dizeres todos que atravessam o texto e que se constituem como o seu já-dito, o seu intertexto e o seu interdiscurso (cf. Koch, 1997; Orlandi, 1993).

Discutir a noção de intertextualidade articulada à de dialogismo (conforme reflexões de Bakhtin) é a proposta de Barros (1994) e de Fiorin (1994). A intertextualidade seria, nesse sentido, uma manifestação do caráter dialógico constitutivo da linguagem. Aliás, é o próprio Fiorin (1994, p. 29), ao criticar a maneira como se tratou o pensamento de Bakhtin no Ocidente, quem afirma:

“À rica e multifacetada concepção do dialogismo em Bakhtin se opôs o conceito redutor, pobre e, ao mesmo tempo, vago e impreciso de intertextualidade. Foi Kristeva quem, no ambiente do estruturalismo francês dos anos 60, pôs em voga esse conceito.”⁴

Outro conceito que se articula ao de intertextualidade é o de polifonia. Barros (1994, p. 4) enfatiza que “a intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade ‘interna’ das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros textos”. A polifonia (e a monofonia), para a autora, seria um efeito do caráter dialógico do texto. Assim, nas palavras de Barros (idem: 06), “monofonia e polifonia de um discurso são, dessa forma, efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos, por definição dialógicos”.

Koch (1997, p. 57) também discute as relações entre polifonia e intertextualidade, afirmando que o conceito de polifonia recobre o de intertextualidade, uma vez que, enquanto nesta “a alteridade é necessariamente atestada pela presença de um intertexto”, naquela “basta que a alteridade seja encenada, isto é, incorporam-se ao texto vozes de enunciadores reais ou virtuais, que representam perspectivas, pontos de vista diversos, ou põem em jogo ‘topoi’ diferentes, com os quais o locutor se identifica ou não”. Como se percebe, para Koch, a intertextualidade seria uma das manifestações da polifonia. A partir dessas considerações poderíamos chegar a uma espécie de hierarquização dos conceitos de dialogismo, de polifonia e de intertextualidade (mesmo correndo o risco dos reducionismos): a noção de dialogismo recobriria a de polifonia, que, por sua vez, recobria a de intertextualidade.

⁴ De fato, conforme lembra JENNY (1979, p. 13), a invenção do termo intertextualidade se deve a J. Kristeva, para quem “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação dum outro texto”.

Passaremos a tratar, agora, especificamente, do conceito de intertextualidade, de sua classificação e do caráter parodístico de que ela pode se revestir.

3 O modo intertextual de constituição do texto

Uma distinção interessante para a compreensão do fenômeno da intertextualidade é a que faz Fiorin entre intertextualidade e interdiscursividade. Enquanto essa diz respeito ao “processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro” (Fiorin, 1994, p. 32), manifestando-se por meio de citação e alusão, aquela (a intertextualidade) seria “o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (Fiorin, 1994, p. 30) e sua manifestação se faria por meio de citação, de alusão e de estilização.

Fica clara nessa proposta de Fiorin a idéia de que a intertextualidade seria um processo que se explicita lingüisticamente. Já a interdiscursividade não necessariamente seria expressa por marcas formais. Isso leva Fiorin a afirmar que “a interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro, pois, ao se referir a um texto, o enunciador se refere, também, ao discurso que ele manifesta” (Fiorin, 1994, p. 35).

Koch (1989; 1997), ao tratar da questão da intertextualidade como um dos padrões ou critérios de textualidade (segundo proposta de Beaugrande & Dressler, 1981), evidencia que o conceito de intertextualidade abrange um sentido amplo e outro restrito. Em sentido amplo, a intertextualidade corresponderia ao que Fiorin designou interdiscursividade, isto é, em qualquer texto há uma alteridade, um outro discursivo que lhe é constitutivo. Já a

intertextualidade em sentido restrito diria respeito à “relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos” (Koch, 1997, p. 48). Dos tipos de intertextualidade em sentido restrito que Koch apresenta, importa-nos, para os objetivos deste estudo, o que ela classifica como intertextualidade das semelhanças e intertextualidade das diferenças (conceito já proposto por Sant’Anna, 1985), o que nos ajudará a compreender o caráter parodístico de que se pode revestir a intertextualidade.

4 O modo parodístico de constituição da intertextualidade

O que nos parece claro é que a intertextualidade, seja qual for a forma como se constitua, é sempre um fenômeno que implica transformação. Ela “nunca é anódina. Seja qual for o seu suporte ideológico confesso, o uso intertextual dos discursos corresponde sempre a uma vocação crítica, lúdica e exploradora” (Jenny, 1979, p. 49).

Como se percebe, a intertextualidade sempre tem um caráter de deslocamento. Esse deslocamento — e é este o aspecto focalizado neste estudo — parece se configurar como transgressão, ruptura, subversão, quando a intertextualidade se constitui de um modo parodístico. É essa a idéia expressa por Sant’Anna (1985), quando afirma que na paródia haveria um “desvio total” quanto ao intertexto, enquanto que na estilização esse desvio seria “tolerável (desejável)” e na paráfrase seria “mínimo”.

Koch (1997, p. 54) enfatiza essa mesma caracterização da paródia quando identifica essa com o *détournement* (termo usado por Grésillon & Maingueneau, 1984) — “alteração” (na forma e/ou no conteúdo de provérbios, slogans ou frases feitas), a título lúdico ou militante, com o objetivo de captação ou, mais frequentemente, de subversão. No caso da paródia, parece que o

caráter de subversão é mais evidente, muito embora — e a análise a seguir pode confirmar isso —, mesmo em textos predominantemente parodísticos (em que a subversão tem primazia), a captação está também presente. Trata-se de um jogo dialético entre reproduzir e desautorizar.

Passaremos, agora, à análise das narrativas escritas.

5 Análise do modo parodístico de constituição da intertextualidade em narrativas escolares

Para compreendermos como a intertextualidade emerge de um modo parodístico nas narrativas que analisaremos a seguir, cabe lembrar que tais narrativas foram produzidas a partir da leitura do conto de fadas “A Bela Adormecida no Bosque”, na versão dos irmãos Grimm. Talvez seja relevante proceder a um breve resumo do conto:

“Após muito tempo desejando em vão ter um filho, o rei e a rainha conseguem realizar seu desejo. Conforme anúncio de um sapo à rainha, enquanto esta tomava banho, acontece de ela ter uma ‘linda’ menina. O rei, então, promove uma grande festa de comemoração do nascimento da filha para a qual convida amigos, parentes e as ‘sábias magas’ do reino, que dariam votos à menina. Das treze magas, o rei convida apenas doze, uma vez que esse era o total de pratos de ouro de que dispunha. As magas presenteiam a criança com dons mágicos. A que não fora convidada, porém, anuncia a maldição para a princesa: aos quinze anos, após se picar num fuso, a princesa morreria. Uma das demais magas ameniza a maldição, prenunciando que a princesa não morreria, mas cairia num sono profundo de cem anos. De fato, aos quinze anos, estando o rei e a rainha fora de casa, a princesa sobe uma velha torre. Lá encontra uma velhinha com um fuso, fiando atarefada o seu linho. A menina aproxima-se do fuso, surpreende-se com seu movimento e acaba por picar o dedo nele. A maldição, então, se realiza: a princesa cai em sono profundo e todo o castelo também adormece. Ao redor dele, cresce um espinheiro, que o envolve

contextualização que ancora o texto numa determinada situação, tendo caráter prospectivo. O título da primeira narrativa — *A Bela Adormecida estundo [estudando] no N.P.I.* — já assinala uma quebra de expectativa quanto ao estereótipo de princesa que os contos de fada veiculam. “Estudando”, a princesa rompe com os códigos de uma sociedade (a ocidental, pelo menos) que, historicamente, negou à mulher o direito de estudar, direito esse que ficava só restrito aos homens. O título da segunda narrativa — “A bagunça feita pela Bela Adormecida” — também se configura como uma quebra de expectativa, uma vez que o protótipo de princesa que o conto de Grimm veicula — “...pois ela era tão bela, virtuosa, amável e compreensiva, que todos os que a viam tinham de amá-la” — é rompido pelo fato de a princesa ser apresentada como aquela que provoca bagunça. O protótipo de “boa moça” é, dessa forma, subvertido. Já na terceira narrativa temos o título *A Bela Adormecida no Jurassic Park*. Aqui, o que vale destacar é a substituição do circunstanciador espacial do conto de Grimm — *A Bela Adormecida no bosque* — pelo circunstanciador **no Jurassic Park**. O deslocamento que o escrevente mobiliza, nesse caso, dialoga com a linguagem cinematográfica (com o filme *Jurassic Park*, de Steven Spielberg). O interessante é notar que, ao colocar a princesa no “Parque dos Dinossauros”, o escrevente rompe com a aura de superproteção que envolvia a Bela Adormecida, de Grimm (lembrar, por exemplo, que quando a Bela Adormecida caiu em sono profundo, um espinheiro envolveu todo o castelo, de forma que ali ninguém podia penetrar), estabelecendo um espaço (e um tempo) — o Parque dos Dinossauros — do desafio, da insegurança, do suspense.

Outro fator de contextualização de caráter prospectivo a que Marcuschi faz referência é o início do texto. Na narrativa 01 temos o seguinte início:

“Já que a Bela Adormecida se casou com o príncipe ela não estava satisfeita. Ela queria estudar.”

O interdiscurso emerge na pressuposição que o escrevente faz de que seu interlocutor já sabe que a Bela Adormecida, de Grimm, “se casou”. O operador “já que”, associado ao dado “se casou”, e o que resulta daí — a insatisfação da Bela Adormecida — é significativo porque estabelece uma relação de causalidade entre o casamento da Bela Adormecida e sua insatisfação. Isso transgredir a idéia de *happy end* — “E aí o casamento do príncipe com a Bela Adormecida foi celebrado com toda a pompa, e eles viveram alegres até o seu fim” —, presente no conto de Grimm. Aliás, vale notar que essa narrativa começa exatamente onde termina a de Grimm. Outra relação de causalidade possível de ser estabelecida é entre a insatisfação da Bela Adormecida e o fato de ela querer estudar. Embora não haja marca explícita dessa relação, ela parece estabelecer-se implicitamente. Assim:

“...ela não estava satisfeita [porque] Ela queria estudar.”

Levando mais adiante essa análise e considerando o que comentamos a respeito do título dessa narrativa, podemos chegar à seguinte relação de implicação:

A Bela Adormecida se casou... Ela queria estudar =
insatisfação

Se notarmos bem como se estabelece o jogo parodístico constitutivo dessa relação de implicação, poderemos associar o fato de a Bela Adormecida não estudar (daí sua insatisfação) com o fato de ela estar casada, o que transgredir a idéia de que a mulher casada tem que ser necessariamente “do lar”, a idéia de casamento como *happy end*. Não consideraremos o início da narrativa 02 porque, como já assinalamos, ele

foi dado pelo professor para que, a partir dele, os alunos continuassem a história.

Já quanto à narrativa 03, vale destacar que seu início indicia a tentativa do escrevente de situar a Bela Adormecida no contexto do filme *Jurassic Park*:

“Certa vez Hamond estava inventando uma fórmula muito cuidadosa de um T. Rex e de um velociraptor.
A bela adormecida chega e o Hamond diz:
— Oi Bela, a quanto tempo, entre Vamos almoçar.”

O que nos parece relevante assinalar, aqui, é a imagem que o escrevente faz de seu interlocutor, supondo que a personagem Hamond, do filme, faz parte do “conhecimento partilhado” entre ele (o escrevente) e seu interlocutor. Aliás, a própria estratégia de retomada do referente, por meio do artigo definido — o Hamond —, comprova a pressuposição de familiaridade com tal referente.

Outro aspecto relevante no início dessa narrativa é a informalidade no trato com a princesa — “Oi Bela”. A forma como o referente Bela Adormecida é recategorizado, além de proporcionar um traço de humor à seqüência, subverte os códigos de formalidade próprios do *frame* de “como se dirigir a uma princesa”.

5.2 Os operadores e os modalizadores argumentativos

Quanto aos operadores argumentativos, cabe destacar, na narrativa 01, o uso do MAS, operador de contrajunção, que indicia, segundo Ducrot (*apud* Koch, 1997, p. 55), o mecanismo da concessão: traz-se o discurso do outro para o meu com o objetivo de encenar uma oposição a ele, de denegá-lo.

“Lá ela encontrou as escolas, Nazaré, Moderno, Santa rosa e outras escolas **mas** nenhuma ela se interessava por isso ela foi para uma escola chamada de NPI...”

Se considerarmos que as escolas citadas pelo escrevente são escolas particulares que conseguiram uma certa legitimidade junto à elite economicamente privilegiada da cidade (Belém), estabelecendo-se como escolas de alto nível, fica fácil compreender o gesto argumentativo que o escrevente mobiliza com o uso do MAS: embora tenha encontrado escolas consideradas de alto nível, “dignas de uma princesa” (o que levaria à conclusão de que a princesa escolheria uma dessas escolas para estudar), por nenhuma delas a princesa se interessa, o que indicia a deslegitimação, a desautorização do que é instituído, implicitamente, como “o bom para a princesa”. Por outro lado, o fato de a Bela Adormecida não se interessar por nenhuma das escolas indicia traços de autonomia, de vontade própria em suas atitudes, o que subverte a imagem da princesa como moça “compreensiva”.

Ainda na narrativa 01 temos o seguinte modalizador, que tem também função argumentativa:

“é claro que ela continuou estudando porque era seu maior sonho”

O **é claro que** indicia a tentativa do escrevente de confirmar (já como um dado) o fato de a princesa continuar estudando. Embora salva pelo príncipe da maldição da fada malvada, o que, em certa medida, reitera o *happy end* clássico, a princesa decide seguir seu maior sonho — continuar estudando. Seguir seu sonho parece ser um dado quase natural (“é claro que”) para uma princesa tão autodeterminada como a da narrativa.

O operador que gostaríamos de destacar na narrativa 02 é o seguinte:

“E viveram felizes que nem pão quente”

Nesse caso, o escrevente substitui o elemento circunstanciador da narrativa clássica — “E viveram felizes **para sempre**” — por um enunciado que estabelece uma relação de conformidade com o anterior — “E viveram felizes [como] pão quente”. Além dos múltiplos sentidos que a metáfora “felicidade = pão quente” pode mobilizar (pensar, por exemplo, na delícia de comer pão quente em comparação com a sensação de insipidez de comer pão frio), cabe destacar a quebra total de expectativa que o escrevente provoca ao subverter parte da estrutura canônica presente no final de muitos contos de fadas: o escrevente faz o interlocutor crer que ele terminará de um jeito a narrativa e, inesperadamente, dá o “bote” parodístico. Além disso, essa estrutura traz um traço de humor (que faz pensar), o que pode nos levar a articular a paródia ao humor. Por outro lado, ela parece manter diálogo com o dito popular “Rente que nem pão quente”⁵, o que evidencia a apropriação que o escrevente faz de uma forma cristalizada para, agindo sobre ela, reintroduzi-la transformada em seu enunciado.

5.3 Outras referências intertextuais

No conjunto das narrativas constatam-se não apenas o diálogo parodístico com o clássico “A Bela Adormecida no bosque”, mas também outras referências intertextuais, o que indicia a multiplicidade de leituras constitutivas da história de leituras dos sujeitos escreventes. Temos, então:

Narrativa 01: “O príncipe chegou a tempo de matar a fada malvada”, numa referência a uma das versões de “A Bela Adormecida”, em que “o final feliz requer que se castigue

⁵ Agradeço à professora Ingedore Koch por essa feliz lembrança.

apropriadamente o princípio do mal e se acabe com ele” (cf. Bettelheim, 1903, p. 270-1).

Narrativa 02: “E a Bela Adormecida encontrou o príncipe encantado...” (numa referência à história do príncipe que, após feitiço de uma bruxa malvada, havia sido transformado em sapo).

Narrativa 03: “O T. Rex enguliu a Bela e a Bela desmaio por mais de 3.000.000.000.000.000.000.000.000.000 ceculos lá na barriga do T. Rex...” (numa referência a uma das versões de Chapeuzinho Vermelho, em que o lobo mau engole a menina).

6 Para terminar... “que nem pão quente”...

A discussão que este estudo mobilizou sobre o modo parodístico de constituição da intertextualidade em narrativas escritas por alunos de segunda série do ensino fundamental a partir da leitura de “A Bela Adormecida no bosque”, segundo Grimm, faz emergir alguns itens para reflexão:

- a) os conceitos de interdiscursividade ou os de intertextualidade implícita e explícita não necessariamente emergem isoladamente: num mesmo texto, as duas facetas podem estar articuladas;
- b) a capacidade de mobilizar o jogo intertextual não é característica de um tipo de sujeito-escrevente ou de discurso. Como todo dizer traz, constitutivamente, um caráter dialógico, é possível indiciar (como fizemos aqui) a emergência da intertextualidade também em textos infantis;
- c) o modo parodístico de constituição da intertextualidade nas narrativas analisadas é indiciado, principalmente, pelo fato de elas, ao trazerem o discurso do outro para o seu próprio, isto é, ao captá-lo ou incorporá-lo, acabam denegando-o.

Essa relação captação/denegação se processa num espaço caracteristicamente polifônico.

Por fim, para pensar um pouco em termos de relações de ensino, cabe considerar, quanto ao que este estudo discutiu, a possibilidade de se constituírem no contexto escolar relações dialógicas que possam contribuir na desautorização dos modelos, dos códigos, dos padrões de leitura e de escritura que a própria escola institucionaliza, cuja funcionalidade se circunscreve a ela e somente a ela.

Talvez uma das alternativas para isso seja — e as narrativas aqui analisadas mostram ser possível — estabelecer as atividades de leitura e de escritura como práticas discursivas (cf. Santos, 1997), o que implica considerá-las em seu caráter constitutivamente polissêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana L. P. de . Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, D. L. P. de, FIORIN, J. L. (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 49-62.
- BASTOS, Lúcia K. Coesão e Coerência na narrativa. In: *Coesão e Coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 21-49.
- BEAUGRANDE, R., DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. London: Longmans, 1981.
- BETTELHEIM, Bruno. A Bela Adormecida. In: *A psicanálise dos contos de fadas* (1903). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 265-76.
- FÁVERO, Leonor Lopes. Paródia e Dialogismo. In: BARROS, D. L. P. de, FIORIN, J. L. (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 49-62.

- FIORIN, José Luiz. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, D. L. P. de, FIORIN, J. L. (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 49-62.
- GRESSILON, A., MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbe et détournement. *Langages*, n. 73, mar. 1984.
- GRIMM, Jacob. A Bela Adormecida. In: *Os contos de Grimm* (trad. do alemão Tatiana Belinky). São Paulo: Paulinas, 1989.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: *Intertextualidades*. Trad. Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979. (Série Poétique: revue de théorie et d'analyse littéraires, 27)
- KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. A construção dos sentidos no texto: intertextualidade e polifonia. In: *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 46-57.
- MAGNANI, Maria do Rosário M. *Leitura, literatura e escola — sobre a formação do gosto*. São Paulo: M. Fontes, 1989.
- MARCHUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1983.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. Campinas: Cortez/UNICAMP, 1993.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SANTOS, Sandoval N. G. *O sujeito-leitor-autor e o texto — sobre a leitura e a produção escrita em turmas de segunda série do ensino fundamental*. 1997. TCC (Letras) — Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará.